

A BÍBLIA TODA, O ANO TODO

Dedicado a
Frances Whitehead,
que em 9 de abril de 2006
completou cinquenta anos
como minha
competente e fiel secretária.

Todos os direitos deste livro foram irrevogavelmente cedidos ao Langham Literature (antigo Evangelical Literature Trust), um programa da Langham Partnership International (LPI). O Langham Literature distribui livros evangélicos a pastores, estudantes de teologia e bibliotecas de seminários ao redor do mundo e facilita a publicação de literatura cristã em línguas regionais.

Para mais informações sobre o Langham Literature e sobre outros programas da LPI, acesse www.langhampartnership.org

Nos Estados Unidos, o John Stott Ministries é membro da Langham Partnership International. Todas as solicitações devem ser feitas pelo site www.johnstott.org

JOHN STOTT

A BÍBLIA TODA, O ANO TODO

Meditações Diárias de Gênesis a Apocalipse

Tradução
Jorge Camargo



Editora Ultimato
Viçosa, MG

A BÍBLIA TODA, O ANO TODO
Categoria: Estudo bíblico / Inspiração

Copyright © 2006 John Stott
Publicado originalmente em inglês sob o título
Through the Bible, Through the Year,
por Lion Hudson plc, Oxford, England.
Copyright © Lion Hudson plc/ Tim Dowley e Peter Wyart
(Three's Company)

Primeira edição: Dezembro de 2007
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Tradução: Jorge Camargo
Revisão: Ângela Mara Leite Drumond
Heloisa Wey Neves Lima
Capa: Douglas Lucas

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

S888b Stott, John 1921-
2007 A Bíblia toda, o ano todo : meditações diárias de Gênesis a
Apocalipse / John Stott ; tradução: Jorge Camargo. – Viçosa, MG :
Ultimato, 2007.
432p. ; 23cm.

ISBN 978-85-7779-017-3

Título original: *Through the Bible, through the year*

1. Bíblia - Uso devocional. 2. Devoções diárias. I. Título.

CDD 22.ed. 242.3

ABREVIACÕES

ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
ARF – Almeida Revista e Fiel
NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, salvo quando há indicação específica.

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

<i>Seguindo o calendário cristão: uma explicação</i>	7
<i>Agradecimentos</i>	10

PARTE 1: DA CRIAÇÃO A CRISTO: UM PANORAMA DO ANTIGO TESTAMENTO (O POVO DE ISRAEL) Setembro a Dezembro

SEMANA 1 Criação	13
SEMANA 2 A Instituição do Trabalho e do Casamento	21
SEMANA 3 A Queda	29
SEMANA 4 A Deterioração Social	37
SEMANA 5 Os Patriarcas	45
SEMANA 6 Moisés e o Êxodo	53
SEMANA 7 Os Dez Mandamentos	61
SEMANA 8 Josué e os Juízes	69
SEMANA 9 A Monarquia	77
SEMANA 10 A Literatura da Sabedoria	85
SEMANA 11 O Livro de Salmos	93
SEMANA 12 O Profeta Isaías	101
SEMANA 13 O Profeta Jeremias	109
SEMANA 14 Os Profetas do Exílio	117
SEMANA 15 Retorno e Restauração	125
SEMANA 16 Imagens do Messias	133
SEMANA 17 A Natividade	141

PARTE 2: DO NATAL AO PENTECOSTES: UM PANORAMA DOS EVANGELHOS (A VIDA DE CRISTO) Janeiro a Abril

SEMANA 18 Respostas ao Natal	151
SEMANA 19 O Evangelho Quádruplo de Cristo	159
SEMANA 20 Os Anos de Preparação	167
SEMANA 21 O Ministério Público	175
SEMANA 22 Ensinando em Parábolas	183
SEMANA 23 O Sermão do Monte	191

SEMANA 24	A Oração do Senhor	199
SEMANA 25	O Divisor de Águas	207
SEMANA 26	As Controvérsias de Jesus	215
SEMANA 27	A Semana Final	223
SEMANA 28	O Cenáculo	231
SEMANA 29	Começa a Provação	239
SEMANA 30	O Fim	247
SEMANA 31	As Sete Palavras na Cruz	255
SEMANA 32	O Significado da Cruz	263
SEMANA 33	As Aparições da Ressurreição	271
SEMANA 34	A Importância da Ressurreição	279

**PARTE 3: DO PENTECOSTES À PARUSIA:
UM PANORAMA DO LIVRO DE ATOS, DAS CARTAS E DO APOCALIPSE
(A VIDA NO ESPÍRITO) **Maio a Agosto****

SEMANA 35	A Preparação para o Pentecostes	289
SEMANA 36	O Primeiro Sermão Cristão	297
SEMANA 37	A Igreja em Jerusalém	305
SEMANA 38	O contra-ataque de Satanás	313
SEMANA 39	Fundamentos da Missão Mundial	321
SEMANA 40	As Viagens Missionárias de Paulo	327
SEMANA 41	A Longa Jornada até Roma	327
SEMANA 42	As Cartas aos Gálatas e aos Tessalonicenses	345
SEMANA 43	A Carta de Paulo aos Romanos	353
SEMANA 44	As Duas Cartas aos Coríntios	361
SEMANA 45	As Três Cartas da Prisão	369
SEMANA 46	As Cartas Pastorais	377
SEMANA 47	A Carta aos Hebreus	385
SEMANA 48	As Cartas Gerais	393
SEMANA 49	Cartas de Cristo às Sete Igrejas	401
SEMANA 50	A Sala do Trono Celestial	409
SEMANA 51	O Justo Juízo de Deus	417
SEMANA 52	O Novo Céu e a Nova Terra	425

SEGUINDO O CALENDÁRIO CRISTÃO

Uma explicação

EM 1963 UM GRUPO Litúrgico Unido foi constituído na Grã-Bretanha, representando oito igrejas. O relatório não-oficial deste encontro foi intitulado *O Calendário e Lecionário: Uma Reconsideração*. A proposta era um calendário em que o período do Advento (dezembro) estivesse focado na primeira vinda de Cristo, sem a pretensão de tentar celebrar, de forma simultânea, suas duas vindas. Esse calendário se estenderia também a um período anterior, até os domingos seguintes ao Pentecostes. Dessa forma, o ciclo anual da igreja estaria mais ou menos completo.

Desde então, houve várias tentativas no sentido de dar à igreja um calendário e um lecionário que fossem consensuais, particularmente no que diz respeito à adoração comunitária aos domingos. Isso nos daria condições de, pertencendo ou não a uma igreja chamada litúrgica, nos lembrarmos a cada ano de toda a história bíblica, desde a criação, no livro de Gênesis, até a consumação, em Apocalipse 22. Além disso, quando o ano eclesial é concebido dessa maneira, ele se divide naturalmente em três períodos iguais de quatro meses cada.

O primeiro período vai do início de setembro (quando começa o ano da Igreja Ortodoxa Oriental e quando as igrejas européias realizam suas festas da colheita) até o Natal. Este período nos permite reviver a história do Antigo Testamento desde a criação até o nascimento de Cristo.

O segundo período vai do início de janeiro até o final de abril, culminando no Whitsun, ou Pentecostes. Ele nos permite reviver a história de Jesus nos Evangelhos, desde o seu nascimento, passando pelo seu ministério, até sua morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo.

O terceiro período vai do início de maio até o final de agosto e é formado pelas semanas que seguem o Pentecostes. Este período nos dá a oportunidade de reviver a história dos Atos dos Apóstolos e nos lembrarmos de que o Espírito Santo é o poder de Cristo para ser vivido agora, bem como a sua garantia da nossa herança final, quando da volta de Cristo. Neste período, refletimos sobre a vida cristã e sobre a esperança cristã como apresentada nas Cartas e no Apocalipse.

Assim como o calendário da igreja se desdobra em três períodos, a Bíblia se divide em três seções e o Deus Todo-Poderoso é visto como tendo se revelado em três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo.

Além disso, estes três podem impor-se uns aos outros em uma estrutura trinitária saudável. Ela cobre toda a história da Bíblia. No primeiro período (setembro a dezembro) refletimos sobre a obra de Deus Pai, e sobre como ele prepara o seu povo, a partir do Antigo Testamento, para a chegada do Messias. No segundo período (janeiro a abril), refletimos sobre a obra de Deus Filho, e sobre o seu ministério salvador, como descrito nos Evangelhos. No terceiro período (maio a agosto), refletimos sobre a obra do Espírito Santo, e sobre sua atuação como registrada no livro de Atos, nas Cartas e no Apocalipse.

Lembrar, reviver e celebrar anualmente esta história divina pode nos conduzir a uma fé abrangente e equilibrada na Trindade e aumentar a nossa familiaridade com a estrutura e o conteúdo da Bíblia. Ajuda-nos também a firmar nossa confiança no Deus da história, que trabalhou e continua trabalhando por seu propósito antes, durante e depois da vida encarnada de nosso Senhor Jesus Cristo até que ele venha em poder e glória.

UMA OBSERVAÇÃO SOBRE A PÁSCOA

A BÍBLIA TODA, O ANO TODO foi organizado de uma forma que o leitor possa iniciar a leitura por qualquer uma de suas três partes.

É natural, por exemplo, começar com a “Criação”, na semana 1 (em setembro), e seguir a história bíblica desde o seu início até o fim.

Mas alguns leitores podem preferir esperar os meses de dezembro e janeiro para começar com “A Natividade”, na semana 17.

Uma terceira opção é começar com a Páscoa, nos meses de março e abril. Uma vez que a data da Páscoa está compreendida em uma das cinco semanas entre 22 de março e 25 de abril, não é possível fixá-la ou fixar as outras grandes festividades vinculadas ao domingo de Páscoa.

A melhor forma de manter-se conectado com o calendário cristão é remarcar a data da Páscoa no ano em que estiver usando o livro. Então, durante as duas semanas que a precedem (Semana da Paixão e Semana Santa), podemos ler as meditações inseridas nos conteúdos da semana 31 (As Sete Palavras da Cruz) e da semana 32 (O Significado da Cruz). No dia da Páscoa propriamente dito, bem como durante os outros dias da Semana da Páscoa, pode-se também ler as meditações inseridas no conteúdo da semana 33 (As Aparições da Ressurreição) e durante a semana seguinte às contidas na semana 34 (A Importância da Ressurreição).

Isto vai garantir que durante as semanas centrais antes e depois da Páscoa sejam lidos textos e reflexões apropriados. Também é possível ajustar conteúdos de outras semanas mais ou menos desconexos nos intervalos restantes e observar o Dia da Ascensão (quarenta dias depois da Páscoa) e o Domingo de Pentecostes (dez dias mais tarde). O Domingo da Trindade é o clímax e cai sempre no domingo seguinte ao Pentecostes.

AGRADECIMENTOS

SOU GRATO A Lion Hudson e à Baker Books, meus editores, e particularmente a Tom Dowley e Peter Wyart, da Three's Company, pelas ilustrações (edição original em inglês), bem como a Fred Apps, ilustrador.

Agradeço a Matthew Smith, meu assistente de estudos entre 2002 e 2005, pela leitura cuidadosa de todo o conteúdo deste livro e pelas sugestões que o tornaram melhor.

Acima de tudo, reconheço minha dívida de gratidão a Frances Whitehead, que não apenas digitou mais um manuscrito, como completou, em abril de 2006, 50 maravilhosos anos como minha super competente secretária.

John Stott

PARTE 1

DA CRIAÇÃO A CRISTO

UM PANORAMA DO ANTIGO TESTAMENTO (O POVO DE ISRAEL)

— SETEMBRO A DEZEMBRO —

HÁ UM PROBLEMA inerente aqui já que o ano secular começa no dia 1º de janeiro, enquanto que o ano cristão tem início com o Advento (final de novembro ou começo de dezembro).

Neste calendário antecipei também o Advento, colocando-o cerca de três meses antes do Natal, em parte para nos dar um período mais longo de preparação para o Natal e também para nos permitir uma divisão do ano em três períodos iguais de quatro meses cada. Além disso, é maravilhoso ter quatro meses para cobrir todo o Antigo Testamento, abrangendo assim desde a criação até a vinda de Cristo.

Naturalmente, o foco da Semana 1 é Gênesis 1, a criação. Porém, se preferir, o leitor pode também começar o Ano-Novo com o nascimento de Cristo.



SEMANA 1

A CRIAÇÃO

LUTERO ESCREVEU: “Nada é mais bonito que o Gênesis, e nada é mais útil”. Concordo com esta afirmação, porque de fato este livro é de grande beleza e de grande utilidade prática. Nele, especialmente nos primeiros capítulos, são estabelecidas as grandes doutrinas da Bíblia — a soberania de Deus como Criador, o poder de sua palavra, a dignidade original do ser humano, homem e mulher, ambos feitos à sua imagem e com a incumbência de administrar a terra, a igualdade e a complementaridade dos sexos, a excelência da criação, a dignidade do trabalho e o descanso periódico. Estas verdades centrais são colocadas no início do Gênesis como a pedra fundamental sobre a qual se ergue a superestrutura bíblica.

Domingo: A iniciativa do Criador

Segunda: Do caos ao cosmos

Terça: Luz na escuridão

Quarta: A veracidade da narrativa do Gênesis

Quinta: A imagem de Deus

Sexta: A sexualidade humana

Sábado: O dia de descanso

A iniciativa do Criador

No princípio Deus criou os céus e a terra.
GÊNESIS 1.1

As primeiras três palavras da Bíblia (“No princípio Deus”) formam uma introdução indispensável para todo o resto. Elas revelam que nunca podemos nos antecipar a Deus ou surpreendê-lo, pois ele está sempre lá, “no princípio”. A iniciativa de toda ação é sempre de Deus.

Isto é particularmente verdadeiro sobre a criação. Os cristãos crêem que, quando Deus deu início à sua obra criativa, nada existia além dele mesmo. Só ele estava lá, no início de tudo. Só ele é eterno. A centralidade de Deus em Gênesis 1 é proeminente em toda a narrativa. Deus é o sujeito de quase todos os verbos. “Deus disse” aparece dez vezes no texto e “Deus viu que era [muito] bom”, sete vezes.

Nós não temos que optar entre Gênesis 1 e a cosmologia ou astrofísica contemporânea. Deus nunca teve a intenção de que a Bíblia fosse um texto científico. Na verdade, deveria ser evidente para os leitores que o texto de Gênesis 1 é um poema altamente estilizado e belo. Ambas as abordagens da criação (a científica e a poética) são verdadeiras, porém partem de perspectivas diferentes e se complementam.

Quando o Credo dos Apóstolos afirma nossa crença em “Deus Pai Todo-Poderoso”, está se referindo não apenas à sua onipotência, mas também ao seu poder de controle sobre toda a criação. O que ele criou, ele também sustenta. Sua presença é imanente neste mundo; ele está continuamente sustentando, revigorando e colocando em ordem todas as coisas. O fôlego de todos os seres vivos está em suas mãos. É ele quem faz o sol brilhar e a chuva cair. Ele alimenta os pássaros e protege as flores. Isto pode ser poético, mas é também verdadeiro.

Daí a sabedoria das igrejas que mantêm um culto anual para ação de graças e dos cristãos que dão graças antes das refeições. Estas atitudes não apenas são corretas como nos ajudam a lembrar que nossas vidas e todas as coisas dependem de nosso fiel Criador e Mantenedor.

Para saber mais: Mateus 5.43-45; 6.25-34

Do caos ao cosmos

Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.

GÊNESIS 1.2

Embora Isaías afirme que Deus “não a criou [a terra] para estar vazia, mas a formou para ser habitada” (Is 45.18), no princípio a terra era vazia, sem forma, escura e inabitada. Então, gradativamente, em Gênesis 1, percebemos que Deus vai transformando a desordem em ordem, o caos em cosmos. O autor do livro de Gênesis evidentemente entendia a criação como um processo, embora sua duração não tenha sido especificada.

Este processo é claramente exposto no verso 2. Alguns tradutores interpretam esse trecho como uma referência a um fenômeno impessoal, tal como uma tempestade no mar. A Nova Bíblia de Jerusalém, por exemplo, coloca que houve “um sopro divino sobre as águas”. Entretanto, concordo com a opinião daqueles que defendem a posição de que o texto não está se referindo ao vento, mas ao próprio Espírito Santo, cuja ação criativa é comparável à de um pássaro pairando sobre seus filhotes (REB¹).

Além disso, à obra do Espírito de Deus na criação o autor acrescenta uma alusão à Palavra de Deus: “E Deus disse”. “Pois ele falou, e tudo se fez” (Sl 33.9). Não me parece fantasioso identificar aqui uma referência a Deus, o Pai, à sua Palavra e ao seu Espírito. Em outras palavras, à Trindade.

Nestes dias em que freqüentemente se enfatiza uma ou outra pessoa da Trindade, é bom poder retornar às três pessoas. De fato, é importante notar que desde os primeiros versos, a Bíblia afirma seu testemunho sobre a Trindade. Assim, iniciamos nossos estudos celebrando o fato de sermos cristãos trinitários.

Para saber mais: Salmos 104.29-31

1. Referência à *Revised English Bible* (Oxford University Press & Cambridge University Press, 1989). (N.T.)

Luz na escuridão

Disse Deus: "Haja luz", e houve luz.
GÊNESIS 1.3

O pequeno território de Israel ficava espremido entre os poderosos impérios da Babilônia, ao norte, e do Egito, ao sul. Ambos praticavam alguma forma de adoração ao sol, à lua e às estrelas. No Egito, o centro da adoração ao sol era a cidade de On, cujo nome grego era Heliópolis, "a cidade do sol", a poucas milhas de distância da cidade do Cairo. Na Babilônia, os astrônomos já haviam desenvolvido elaborados cálculos dos movimentos dos cinco planetas conhecidos por eles e tinham começado a mapear os céus.

Não é de todo surpreendente, portanto, que muitos líderes israelitas tenham se deixado contaminar por esse tipo de culto praticado pelos povos que viviam ao seu redor. Ezequiel ficou horrorizado ao ver uns vinte e cinco homens "com as costas para o templo do Senhor e os rostos voltados para o oriente [...] se prostrando na direção do sol" (Ez 8.16).

Jeremias também condenou os líderes da nação que amaram e prestaram culto "ao sol e à lua e a todos os astros do céu" (Jr 8.2).

É neste contexto de idolatria que Gênesis 1 deve ser lido e compreendido. Enquanto que os egípcios e os babilônios adoravam o sol, a lua e as estrelas, o autor do Gênesis insiste que esses elementos não são deuses para serem adorados, mas a criação do único e verdadeiro Deus.

Deus prometeu a Abraão que seus descendentes seriam "tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar" (Gn 22.17). É extraordinário que, sabendo hoje que há cerca de um trilhão de estrelas em nossa galáxia e outros bilhões de galáxias a bilhões de anos-luz de distância daqui, a equivalência entre areia e estrelas possa ser bastante acurada.

O apóstolo Paulo usou o majestoso decreto de Deus ordenando: "Que se faça a luz" como um modelo do que acontece na nova criação. Ele comparou o coração humano não regenerado ao escuro caos primitivo e o novo nascimento à ordem criativa de Deus "Que se faça a luz". Esta certamente havia sido a experiência dele. "Pois Deus, que disse: 'Das trevas resplandeça a luz', ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (2Co 4.6).

Para saber mais: 2 Coríntios 4.3-6

A veracidade da narrativa do Gênesis

*Depois disse Deus: “Haja [...]”. E disse Deus: [...].
E Deus viu que ficou bom.
GÊNESIS 1.6, 9-10*

Muitos alegam que há paralelos surpreendentes entre os mitos da criação do antigo Oriente Próximo (especialmente o épico babilônico conhecido como “Enuma Elish”) e o relato bíblico da criação citado em Gênesis 1. Porém, o que é mais notável em relação aos babilônios e às histórias bíblicas não são suas semelhanças, mas suas diferenças. Longe de copiar a narrativa babilônica, Gênesis 1 critica e faz objeção a sua teologia básica. Na mitologia babilônica, os deuses, amorais e caprichosos, disputam e brigam uns com os outros. Marduk, o mais soberbo dos deuses, ataca e mata Tiamat, a deusa-mãe. Em seguida, ele divide o corpo dela em duas metades, sendo que uma delas se transforma no céu e a outra, na terra. A julgar por este cruel politeísmo, é um alívio retornar à ética monoteísta de Gênesis 1, segundo a qual toda a criação é atribuída ao comando do único e verdadeiro Deus.

De acordo com o livro do Apocalipse, a adoração eterna no céu concentra-se no Criador:

*Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória,
a honra e o poder, porque criaste todas as coisas,
e por tua vontade elas existem e foram criadas.*

APOCALIPSE 4.11

Os cientistas continuarão a investigar a origem, a natureza e o desenvolvimento do universo. Porém, teologicamente falando, para nós basta saber que Deus criou todas as coisas por sua própria vontade, como expressão de sua simples e majestosa Palavra. Por isso é que se repete o refrão de Gênesis 1: “E Deus disse...”. Além disso, quando Deus contemplou sua criação, ele “viu que ficou bom”. Devemos, portanto, nos alegrar por tudo que Deus criou — tanto pela comida e bebida como pelo casamento e pela família, ou pela arte e pela música, pelos pássaros, pelos animais, pelas borboletas e por muitas outras coisas.

*Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado,
se for recebido com ação de graças.*

1 TIMÓTEO 4.4

Para saber mais: Jeremias 10.12-16

A imagem de Deus

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou.
GÊNESIS 1.27

O clímax da atividade criativa de Deus foi o aparecimento dos seres humanos, e a forma como o Gênesis expressa este clímax é descrevendo-os como tendo sido criados “à imagem de Deus”. Porém, os estudiosos não conseguem chegar a um consenso em relação ao significado da imagem divina nos seres humanos.

Alguns consideram que ela significa que os seres humanos são representantes de Deus, exercendo domínio sobre o restante da criação em seu lugar. Outros concluem que a imagem de Deus se refere ao relacionamento especial estabelecido entre Deus e os homens. Mas, se observarmos esta expressão tanto no contexto imediato de Gênesis quanto na perspectiva mais abrangente das Escrituras, parece ficar claro que ela se refere a todas aquelas qualidades ou capacidades humanas que nos diferenciam dos animais e nos aproximam de Deus. Quais são essas qualidades?

A primeira delas é que, como seres humanos, somos racionais e temos consciência de nós mesmos. A segunda é que somos seres morais; temos uma consciência que nos conclama a fazer o que percebemos como certo. A terceira é que somos criativos, tal como o nosso Criador, capazes de apreciar aquilo que é belo aos ouvidos e aos olhos. A quarta é que somos seres sociais, capazes de estabelecer com outras pessoas relacionamentos verdadeiros de amor, pois Deus é amor e, ao nos fazer à sua imagem, ele nos deu a capacidade de amá-lo e de amar aos outros. Por último, temos uma capacidade espiritual que nos faz sentir fome de Deus. Assim, somos os únicos seres capazes de pensar, escolher, criar, amar e adorar.

Infelizmente, precisamos acrescentar que a imagem de Deus em nós foi desfigurada, do mesmo modo que nossa humanidade foi contaminada pelo egocentrismo. A imagem de Deus, no entanto, não foi destruída. Pelo contrário, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento afirmam que os seres humanos ainda carregam em si a imagem de Deus e por essa razão devemos respeitá-los. O caráter sagrado da vida humana se origina do valor que decorre da imagem de Deus (9.6). Os seres humanos são seres parecidos com Deus. Eles merecem ser amados e servidos.

Para saber mais: Tiago 3.7-12

A sexualidade humana

Criou Deus o homem à sua imagem [...]; homem e mulher os criou.
GÊNESIS 1.27

Uma bela verdade, claramente afirmada desde o primeiro capítulo da Bíblia, é que a heterossexualidade é o propósito de Deus na criação e que homens e mulheres são iguais em dignidade e valor diante de Deus. Ambos foram criados à sua imagem (v. 27), ambos foram abençoados e receberam a recomendação para serem fecundos, subjugar a terra e dominar sobre todas as suas criaturas (v. 28). Assim, homens e mulheres igualmente trazem em si a imagem divina e partilham igualmente da administração da terra. Nada que tenha sido dito depois (por exemplo, em Gênesis 2) é capaz de destruir, muito menos contradizer, essa igualdade fundamental entre os sexos. Aquilo que a criação estabeleceu nenhuma cultura é capaz de destruir. É verdade, no entanto, que igualdade não significa identidade. Embora os sexos sejam iguais, eles são diferentes; igualdade é plenamente compatível com complementaridade.

Algo mais precisa ser dito. Embora a desobediência humana e a queda tenham perturbado a sexualidade humana, a intenção de Deus é restaurá-la e aprofundá-la através do evangelho. Assim, Paulo pôde escrever aos cristãos da Galácia: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). Isso não significa que em Cristo as diferenças étnicas, sociais e sexuais são eliminadas. Não, homens permanecem homens, e mulheres permanecem mulheres. Mas em Cristo, quando temos um relacionamento pessoal com ele, nossas diferenças sexuais não constituem barreira à comunhão com Deus ou uns com os outros. Diante dele somos iguais, igualmente justificados pela fé e igualmente habitados pelo seu Espírito.

Homens e mulheres cristãos deveriam honrar e dar valor uns aos outros mais do que aqueles que fazem parte de uma sociedade não-cristã, pois reconhecem seu *status*. Somos iguais na criação e ainda mais iguais (se é que pode haver graus de igualdade!) na redenção.

Para saber mais: Gênesis 2.18-25

O dia de descanso

Deus [...] descansou de toda a obra que realizara na criação.
GÊNESIS 2.3

Qual foi a coroa da criação de Deus? Não foi a criação do homem, mas a provisão do sábado; não foi a ordem para que o homem pegasse suas ferramentas e trabalhasse seis dias, mas a ordem para deixá-las de lado no sétimo dia para adorar ao Senhor. O plano de Deus era criar não apenas o *homo faber* (homem trabalhador), mas criar também o *homo adorans* (homem adorador). Os seres humanos se tornam mais dignos quando estão adorando a Deus.

Esse propósito divino foi posteriormente incluído no Decálogo, em seu quarto mandamento, que diz: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo” (Êx 20.8). Deus sabia o que estava fazendo quando ordenou o nosso descanso mental e físico. Várias tentativas têm sido feitas para mudar o ritmo divino de um dia de descanso a cada seis de trabalho. Os revolucionários franceses introduziram um calendário republicano com uma semana de dez dias, porém Napoleão, em 1805, restaurou a semana de sete dias. Os revolucionários russos transformaram o domingo em dia de trabalho, mas não por muito tempo, pois Stalin o restaurou como dia de descanso. Deus sabe o que é melhor.

Além disso, um dia em sete deveria ser separado para adorar a Deus. Embora alguns cristãos insistam em guardar o sétimo dia no sábado, aparentemente os cristãos primitivos separavam o primeiro dia da semana para adorar, celebrando a ressurreição de Jesus Cristo (Jo 20.19, 26; At 20.7). O importante não é qual o dia a ser observado, mas manter o ritmo de um dia de descanso a cada sete dias.

O próprio Jesus observou o sábado e ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo. Mas ele estabeleceu também um importante princípio: “O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2.27). A observância do domingo não deve ser algo enfadonho e restritivo, mas uma celebração semanal alegre, na qual encontramos tempo para o descanso, para a adoração e (deveríamos acrescentar) para a família.

Para saber mais: Deuteronomio 5.12-15

SEMANA 2

A INSTITUIÇÃO DO TRABALHO E DO CASAMENTO

A BOA PROVIDÊNCIA de Deus nos deu dois relatos da criação que complementam um ao outro. Ambos concentram-se na criação dos seres humanos. Há, no entanto, uma diferença significativa entre eles. Em Gênesis 1 o Criador, que é chamado de “Deus”, sustenta todo o cosmos, enquanto que em Gênesis 2 ele recebe o nome do Deus da aliança, “o Senhor Deus”, que desfruta de comunhão íntima com suas criaturas humanas. O texto de Gênesis 2 trata de modo especial de duas pedras fundamentais para a vida humana na terra: o trabalho e o casamento. Ambos são apresentados como provisão amorosa de Javé.

Domingo: Guardando o domingo como um dia especial

Segunda: Colaborando com Deus

Terça: Cuidando da criação

Quarta: A verdadeira liberdade

Quinta: O homem como macho e fêmea

Sexta: A criação de Eva

Sábado: A definição bíblica de casamento